

# Uma perspectiva fenomenológica e estética do mal

---

**Erick Henrique da Costa Rodrigues**

Universidade Federal da Paraíba  
Faculdade Uninassau João Pessoa  
erickhenriquejj@hotmail.com

---

## Resumo

Este ensaio visou, a partir de uma análise bibliográfica, agregar um pensamento reflexivo acerca do que se categoriza como mal, ou o efeito estético desse fenômeno notado desde o início da evolução da vida social, a fim de disponibilizar outra possibilidade de enxergá-lo. Atualmente o que se acostumou a encontrar como resposta é uma visão única dos conceitos judaico-cristãos sobre o que aparenta ser o mal, como algo metafísico que é externo ao indivíduo, ou melhor dizendo, uma entidade em si maligna. Aqui poderemos refletir sobre o mal, ou seu efeito, como algo que acompanha o homem como indivíduo herdeiro de um gene específico como propõe Dawkins, um fenômeno presente desde a idade infantil até o final da vida do homem, colocado tanto com um olhar filosófico como psicológico na história sociocultural, política e religiosa. Uma percepção desse fenômeno presente em todas as culturas e civilizações, que costuma passar despercebido como fenômenos passivamente afetados por individualismos com ou sem poder, que escravizam perversamente aqueles que não obtiveram equidade em sua trajetória para conseguir entender o que pode ser o mal, indivíduos estes que tiveram suas capacidades reflexivas roubadas, ou, voluntariamente entregues por medo da responsabilidade que elas poder-se-iam trazer.

**Palavras-Chave:** Mal, fenomenologia, estética, efeito, percepção do mal.

## A phenomenological and aesthetic perspective of evil

### Abstract

This article aims, from bibliographical analyzes, to aggregate into a reflective thought about what we have learned to categorize as evil, or the aesthetic effect of this phenomenon noticed since the beginning of the evolution of social life, in order to provide another possibility to see it. Nowadays, what we are used to find as an answer is a unique view of Judeo-Christian concepts about what appears to be evil, as something metaphysical that is external to the individual, or rather an evil entity in itself. Here we see evil, or its effect, as something that accompanies man as an individual heir of a specific gene as said Dawkins, a phenomenon present from childhood until the end of man's life, placed with both a philosophical and a psychological look in sociocultural history, Political and religious. A perception of this phenomenon present in all cultures and civilizations, which usually goes unnoticed as passively phenomenon's affected by individualisms with or without power, who perversely enslave those who have not obtained equity in their history to be able to understand what evil can be, individuals who have had their reflective capacities stolen, or, voluntarily surrendered for fear of the responsibility that it can bring.

**Keywords:** Evil, phenomenology, aesthetics, effect, perception of evil.

## 1 Introdução

A partir de pesquisas bibliográficas que indicam variadas perspectivas acerca do mal, este ensaio teve como objetivo apresentar e avaliar o mal como forma estrutural, observando todo o simbolismo e conceito em que ele possa ser representado na sociedade. A partir da visão recorrente em que o conceito do mal é associado com respostas pouco desenvolvidas, este estudo tem o intuito de abranger mais valores e conceitos ao mal, utilizando de pensamentos científicos e reflexões obtidas em pesquisa bibliográfica que acabam agregando-se de maneira pouco usual.

Olhando para tal fenômeno de forma estética, isto é, como uma sensação perceptiva e analítica de algo que se mostra ao indivíduo que tenta classificá-lo como belo, bom, ruim, feio, entre outras características categóricas, tarefa na qual o homem durante sua história acostumou-se a realizar partir de sua subjetividade, nostalgia e modo de viver.

Apresentar, discutir e debater é algo cada vez mais necessário no mundo atual, não devendo ser visto com escárnio, tendo em consideração que enobrece e nos edifica como contribuintes de um processo de civilização. Atribuindo-se de conceitos alheios, indivíduos contribuem para uma separação dicotômica de modos de viver e de enxergar o mundo, sobre qualquer valor ou conceito. É na pluralidade de ideias que o mundo torna-se capaz de observar e promover a liberdade individual, mas ainda não são todos que veem desta forma, alguns, ainda insistem em conceitos únicos e sólidos, como o modo religioso de ver o mal, que para todos devam servir. E nesta liquidez, ou seja, nesta customização de todos os valores, percebe-se a necessidade de avaliar e realizar uma prática reflexiva das pessoas acerca de conceitos como o mal, visto ser algo tão comum nas diversas sociedades.

Antes é preciso delimitar algumas especificidades que nossa língua propõe como sugestões interpretativas. A proposta em referência ao mal com “L” aqui colocada, deve ser tratado não somente como sua etimologia indica, como o contrário de bem, propriamente. Proponho um olhar para o mal como algo que vá além do simples não fazer bem ao indivíduo, mas sim algo também que não seja bom, que não seja uma coisa boa para o indivíduo, que gera ou presencia tal fenômeno. O mal aqui será visto em si como uma coisa não boa, benéfica, que não corrobore com o bem para o indivíduo e com o bem-estar do ser, como também em todo

sentido amplo que essa negatividade aparente possa determinar em sua existência.

Por tanto, analisar aqui o enxergar do mal como constituinte de um repertório inato, que se faz presente na vida do homem quando comumente abdica de suas faculdades intelectivas e decide não pensar sobre determinados valores, ou simplesmente por que ainda não experimentara a necessidade de produzir e realizar à maiêutica socrática. Assim, tentando trazer a vivência e o conhecimento prévio do leitor para o texto e ampliar essas visões a partir da perspectiva de alguns autores acerca do conceito do mal, o texto tem caráter reflexivo e interpõe pensamentos que regem à humanidade há séculos. Enxergando o homem o mal, consegue ele ver como algo fora, ou dentro dele?

## 2 A existência do mal

Bem como colocou Dawkins (2007) em *O Gene Egoísta*, os seres vivos recebem uma herança genética, um gene que também podemos denominá-lo de instinto, possuindo uma serventia cada vez menor ao longo do processo civilizatório da vida humana e do amadurecimento no meio social. Este instinto que busca sempre manter-se vivo e se diversificando, pode em perspectiva, ser o significado da inclinação para o que é mal, ou uma maldade, pelo menos de uma visão externa. Há um olhar difuso para o que tenta sobreviver e usa o que prefere para continuar existindo, isso conclui num resultado que um terceiro espectador possa denominar de um ato mal; uma maldade. Neste caso, todo o efeito que o outro pode construir quando o instinto de sobrevivência sobrepõe a toda civilização.

Segundo o Dawkins, existe uma “ação programada” para agirmos em ocasiões de sobrevivência, ou até mesmo uma sobrevivência de um nível emocional saudável, supondo que de fato exista. Sendo exatamente compatível com a ideia de mal que o outro ver, ou seja, o sinal de sobrevivência solicitado por levar o ser a executar caminhos que nos olhos de terceiros o mal pode ser encontrado. O primeiro indivíduo a constatar o mal foi o que sentiu empatia com o outro, parecido consigo, no exato momento em que aquela vida perdia forças diante da busca do bem-estar de um terceiro.

Hoje é sabido que existe um processo evolutivo de racionalização, científico, filosófico e ético que procura nos manter mais civilizados, em certo ponto. E contribuições um pouco mais elucidativas a nossa disposição para que

entendamos melhor, ou de forma mais próxima, o mal como algo que sempre caminha em conjunto com a humanidade, e que refletir seriamente sobre ele e seu efeito em várias outras perspectivas divergentes com o encontrado no senso comum.

Sigmund Freud (1856-1939) constrói a segunda tópica estruturando a psique humana, fundamentando e demonstrando toda força devastadora que possa existir nossos impulsos inconscientes a fim de realizar desejos que satisfaçam nosso princípio de prazer. (FREUD, 2011). Toda nossa libido, ou seja, a força motriz por trás do comportamento, tem forte influência nos impulsos a fim de realizar os desejos para o indivíduo sentir-se realizado, ou ao menos, no caminho certo para tal conquista. E aqui há algo interessante para ser colocado em pensamento reflexivo. Dar ou não vazão aos impulsos do nosso ID<sup>1</sup>.

Se fosse possível, por alguns instantes colocar de lado o superego e todas as castrações que ele possa representar para os seres humanos, e colocar os desejos satisfatórios sempre em primeiro lugar como Anton LaVey (1969) pregava, isto é, de forma que eu coloque o verdadeiro eu impulsivo e poderoso em primeiro lugar sempre e em qualquer que seja a ocasião. Isso traz alguns questionamentos que caberiam aqui como local proposto para reflexão. Os pilares da moral e ética estão envolvidos nessa questão, e o pensamento racional como ferramenta intelectual precisa estar em foco para que estes pilares não sejam fragmentados. Se todos os indivíduos fizessem tudo exatamente como os instintos (Id) e os prazeres desejassem. Isso transformaria o nosso mundo em um lugar com ou sem o conceito de mal? Passaríamos a viver sem entender que o mal existe fora de mim, vê-lo no outro, porque a única perspectiva válida seria quando a nossa vez chegasse?

Freud propunha que este seria um ideal irrealizável. No texto O mal-estar na civilização, Freud (2010) coloca algumas formas do indivíduo lidar com essa incapacidade de realização completa dos impulsos, tanto com uma forma positiva, que visa buscar essas realizações

independente do contexto utópico, ou como forma negativa que age apenas para evitar o desprazer.

Este cenário de investidas para realização de desejos impulsivos está inteiramente ligada à nossa busca robotizada pela felicidade, exatamente como fala Freud nesse mesmo texto; “uma das formas de manifestação do amor, o amor sexual, nos proporcionou a mais forte experiência de uma sensação de prazer avassaladora, dando-nos assim o modelo para nossa busca da felicidade” (FREUD, 2010, p. 39). Uma vez experimentada esta sensação, aumentará o repertório de sensações de prazer satisfatórios do indivíduo, causando lacunas a serem preenchidas posteriormente, isto é, um lugar a mais a ser preenchido na delirante busca da felicidade do indivíduo.

Neste mesmo texto, Freud (2010) ainda vai categorizar as constituições psíquicas do indivíduo que decidirá a se aventurar na busca da felicidade, como o narcisista por exemplo, que se inclinará na autossuficiência e buscar as satisfações principais de seus desejosos eventos psíquicos. Entretanto é nesse caso em que o individualismo pode sobressair em outras decisões psíquicas de outros indivíduos, tornando a realização pessoal líder absoluta em prioridades, desfazendo-se da moral e da ética para conseguir realização de seus objetivos, ou melhor dizendo, o fim justificando os meios, causando um mal para a convivência social.

### 3 O efeito estético do mal

A estética<sup>2</sup> do mal está fortemente ligada ao efeito que o outro obtém quando a empatia se mostra ausente. O efeito da individualização é muitas vezes denominado de mal, uma atitude malévola. O mal é visto do exterior. Mas quando falo isso não digo que o mal em si é algo exterior, como uma entidade. Todos têm a capacidade de gerar o mal para si e para os outros, este por sua vez, existe quando seu propósito individual for levado acima de tudo que seja exterior como a ética, civilização, empatia e convivência social.

A categorização do que seja o efeito denominado de mal, deve sim ser recorrente nos assuntos para uma busca da melhor convivência social possível, afinal, é no olhar do outro que

1 Com o lançamento da obra “Eu e o ID” em 1923, Freud conceitua sua teoria da personalidade relacionada a três instâncias psíquicas, sendo elas; ID sendo o princípio do prazer que busca a satisfação das necessidades, SUPEREGO como as normas externas determinando o que cada um deveria ser ou agir, e o EGO como o mediador entre as forças do ID e do SUPEREGO, se tornando aquilo que somos, ou, aquilo que conseguimos ser.

2 Estética (ou percepção, sensação) é a área da filosofia que estuda a natureza do que é belo e dos fundamentos da arte. Este ramo estuda o julgamento e a percepção do que é considerado belo e o resultado das emoções acerca dos fenômenos estéticos transferidos em suas formas e essências.

todos nós somos moldados e moldamos o efeito no qual desejamos nos encaixar. Gera-se tal resultado por isso um olhar mais ampliado melhoraria os efeitos dos indivíduos, e do que um ser pode gerar para outro. Além disso, os homens têm um peculiar modo de ver o mal acontecendo no outro. (FREUD, 2010)

O mal no outro, torna-se mais agradável porque é muito mais fácil fazer qualquer coisa malévolas, é automático por causa do nosso instinto herdado que nos coloca sempre em primeiro lugar nas questões duvidosas e de sobrevivência, muito mais fácil do que parar e avaliar a situação colocando outras questões a não ser seu narcísico bem-estar, ou simplesmente a sobrevivência em si, da saúde como um todo. Sobrevivência esta podendo ainda ser abrangida para uma sobrevivência saudável de suas emoções.

#### **4 O mal tendencioso**

Existe uma impressão sobre a existência de um tipo de culto ao que é mal. Em países da Europa como: Portugal, França, Itália e Espanha, indivíduos julgados pelo "O Tribunal do Santo Ofício" (1250-1821) eram executados com guilhotina, as famílias levavam seus filhos para prestigiarem as pessoas enquanto eram dilaceradas pelo fogo acendido por ideais especificamente embasados numa subjetividade condicionada, isso ocorria como uma atração pedagógica de final de semana.

No final do século XIX, após o final da Guerra Civil nos EUA (1861-1865), a organização Ku Klux Klan começou a ser alimentada e mantida por seus contribuintes espectadores como ideal completamente verdadeiro, contendo indícios até o presente momento das suas colocações de uma supremacia branca, antissemitismo, anti-imigrações entre outras atenuantes que fragmentam um estado saudável de civilização. (SILVA, 2011)

Crianças perdidas numa ilha criando motivos mirabolantes para segregação e a demonstração de um retrocesso na civilização com matanças selvagens. Jovens alemães apoiados por ideais pseudo realistas (antissemitismo e superioridade racial), tratavam um espancamento a um judeu, além de uma atitude legítima, uma brincadeira de criança que ao término corriam para contar suas "belas" conquistas bravejadas por aplausos de seus colegas invejosos. Obras como Senhor das Moscas (Golding, 2013), e Os carrascos voluntários de Hitler (Goldhagen, 1997), mostram uma real capacidade de maldade como inata,

intrínseca no homem, que pode ser desencadeada por uma simples falta de monitoramento de um poder normativo. Uma liberdade para assumir seus impulsos reprimidos por uma ética, por sua vez alimentados por um pseudo respaldo.

No texto O Futuro de uma ilusão, Freud (2014) mostra esse impulso sádico e masoquista, impulso este de dor e como ele é forte entre nós. Schopenhauer (2013, p. 7) já propunha uma semelhança nossa com os caprinos: "Semelhantes aos carneiros que saltam no prado, enquanto, com o olhar, o carniceiro faz a sua escolha no meio do rebanho". O alívio do ser humano parece estar quando o mal acontece com o outro.

No livro O efeito Lúcifer de Zimbardo (2012), o psicólogo social junto com sua equipe de profissionais chega a uma comprovação de que precisa-se apenas de muito pouco para deliberarmos atributos que vão contra à civilização e cair de volta ao mundo selvagem. Experimento realizado em Stanford, voluntários divididos aleatoriamente em dois grupos com o propósito de cumprir por determinado período papéis de agentes penitenciários e prisioneiros condenados a cárcere privado.

O resultado registrado pela equipe do estudo foi realista e assustador. Por volta de uma semana de experimento, os voluntários se transformaram em guardas completamente violentos e sádicos criando situações sem justificativas apenas para castigar e humilhar os presos, e os prisioneiros se tornaram em indivíduos emocionalmente abalados onde eram dominados por um sentimento de angústia e aceitação demasiada nas ordens dos guardas e ao mesmo tempo tentavam se manter firmes por se tratar de um estudo. Obtiveram exacerbado empenho para realização dos papéis do grupo dos agentes penitenciários, que foi necessário abreviar a duração total do experimento.

O grupo que vestia a personagem de agente penitenciário usava de atributos violentos para manter uma ordem adotada ao simples querer temporário do próprio grupo decididas ali apenas para demonstrar que estavam em posição superior. Extremos comportamentos eufóricos satisfeitos com a total humilhação do grupo de detentos foram registrados, enquanto o grupo que se fez de prisioneiros demonstrou características de depressão grave com tendências suicidas por não possuírem mais esperanças na situação em que estavam.

Freud enfatiza uma questão interessante que pode ser usado para argumento destes

casos supracitados. Em O futuro de uma ilusão, ele evidencia que “a massa é hostil a civilização” (FREUD, 2014), a massa não se propõe ao luxo de utilizar-se de sua capacidade intelectual para reflexão de valores e conceitos constituintes de uma ética, ela se abstém desta responsabilidade racional e elege um líder para exercer tal tarefa em seu lugar. O líder escolherá qualquer que seja seus conceitos para reverberar e a massa passivamente receberá suas ordens. Isso propõe uma agregadora reflexão. A massa abdica de sua capacidade intelectual de reflexão do que acha correto e não correto a ser feito, e acaba reproduzindo tais conceitos de seus líderes, independentemente de quais sejam esses conceitos, não há racionalidade aqui. Sendo o único valor a ser reservado a necessidade de projetar a culpa, ou, a responsabilidade.

Com uma herança do filósofo grego Platão (427 a.c. – 347 a.c.), o também filósofo Nietzsche (1844-1900) conceitua contundentemente uma teoria chamada Niilismo, que por possuir subdivisões, proponho um foco específico para o contexto aqui; em Niilismo Negativo e Niilismo Reativo. Há nos dois conceitos, uma abdicação, ou seja, uma negação do que se faz presente para si no aqui e agora, em nome de um propósito maior do que os do próprio indivíduo. Abstém-se da moral, isto é, da capacidade de julgar e a deixa em outros domínios para um resultado julgado, por ele, melhor. Artifícios estes maquiavelicamente muito bem utilizados por propostas como o socialismo e comunismo, e não há como não citar também o cristianismo neste nível. Todos estes, resultam em um mal para aqueles que não corroboram com os ideais adotados pela massa. O mal não é visto por eles, não existe no lado da maioria. O que aparenta existir é uma provável e perversa satisfação. (NIETZSCHE, 2013).

O jovem Étienne de La Boétie (1530-1563), discursa em seu mais contundente livro O discurso da servidão voluntária, já no século XVI, sobre uma satisfação do indivíduo na servidão. “Nenhum poder consegue dominar e explorar por muito tempo sem a colaboração, ativa ou resignada de um povo” (2010, p.16). Étienne explora em seu livro algo que Freud (2010), Sartre (2005), Nietzsche (2013) contribuíram posteriormente. Existe uma desistência da liberdade pela responsabilidade que ela traz. Mas há algo diferente na fala de Étienne, ele consegue ver a satisfação do indivíduo em não ser livre, e ajudar a tirania a escravizá-lo ainda mais, ou melhor, o poder que escraviza o homem é dado por ele mesmo aos seus escravizadores.

Aguçados por simples lampejos que representariam o motivo de estarem felizes com a servidão, atuam como personagens felizes ao receber migalhas dos detentores do poder. Como uma criança que se alegra com simples figuras em livros recheados de conteúdos esquecidamente escritos, servidores voluntários alimentam-se de investidas dos tiranos como: teatro, festas, bebidas e outros prazeres temporários facilmente esquecidos que são promovidos pelos governantes das ideias. “Como imaginar de outro modo que um só indivíduo ou um pequeno grupo obrigue os demais cidadãos a obedecer com tanta submissão?” (ÉTIENNE, 2010, p. 33).

Aparentemente existe uma sensação de proteção quando você serve a algo que você julga ser maior do que você em si, algo da fraqueza pertinente do homem que sente atração em obedecer, servir com todo seu vigor. Sua covardia está no número de pessoas que também abdicam de suas respectivas liberdades, favorecendo tiranos maquiavélicos que aproveitam conscientemente dessa nítida fraqueza, utilizando-se do próprio poder concedido voluntariamente pelo povo contra eles. “Mas que mil, um milhão, mil cidades não se defendem de um só homem, certamente não é mais covardia, pois ela não chega a esse ponto” (ÉTIENNE, 2010, p. 34). Uma proteção à angústia gerada pela reflexão que uma solidão pode proporcionar. O homem ver que pode escolher entre a liberdade e a servidão, e o faz, torna-se escravo do seu próprio medo irracional que a facilidade de ser livre proporciona-o.

“Não é bom ter vários senhores. Um só seja o senhor, um só seja o rei” disse Ulisses, em a Ilíada (HOMERO, 2015, II, 204-205). Essa colocação corrobora com as afirmativas de Étienne (2010). A pluralidade de conceitos quase sempre não é bem-vinda. Vários senhores é significado de vários ideais, isto é, uma dolorosa pluralidade de ideias demonizadas pelo pensamento reflexivo. A reflexão gera angústia, a solidão gera angústia, uma angústia pela pluralidade de possibilidades. É na escolha que existe a dúvida de ter escolhido errado. Quanto maior a quantidade de opções, maior é o medo disso resultar na escolha errada. Medo este, marginalizado, demonizado, visto como algo ruim, angustiante, mal.

É aqui que o líder, o tirano, o maquiavélico entra, a fim de realizar seus ideais, ideais esses que podem utilizar de qualquer que seja os artifícios para serem realizados. Meio esse que julgam ser necessário. Os meios justificados

pelo resultado final. Argumento este utilizado pelo cristianismo, a fim de aniquilar suas vontades e desejo de cada indivíduo. É alimentando essa maldade na sociedade que os grandes líderes se mantêm. A sociedade não percebe que a tirania se destrói sozinha, quando os indivíduos se recusam a consentir com suas respectivas servidões voluntárias, que servem de alimento para os líderes tiranos, por que o poder que está lá foi entregue de bandeja pelo povo. A liberdade é mais fácil de ser conquistada do que se imagina. Mas, "Os homens só desdenham a liberdade, ao que parece, porque a teriam se a desejassem, como se se recusassem a fazer essa bela aquisição somente porque é fácil demais" (ÉTIENNE, 2010, p.37).

## **5 A Religião Cristã e sua contribuição para o mal**

Perspectiva importantíssima a ser colocada em qualquer texto que se trate de uma fenomenológica existência do mal, é o fato da igreja condicionar uma grave e perversa gama de episódios causadores de angústias, corroborando em um mal para a sociedade. Considere a categorização de igreja tudo o que o nosso lado ocidental do globo recebeu de contribuição da tradição judaico-cristã, e acredito que os motivos sejam óbvios de me retratar apenas desta vertente ideológica por momento.

O filósofo e teólogo Kierkegaard (1813-1855) descreve muito bem em seu livro *O conceito de angústia* (2010) o que seu título já propõe, e ainda mais tudo o que o sentimento de angústia causa por valores que divergem aos impulsos intrínsecos do indivíduo, dos seus desejos. Trata-se de uma interiorização totalmente passiva de atributos morais dos quais tenta-se reger de forma normativa o indivíduo a negar seus impulsos reais. Tudo isso provoca um mal muitas vezes inimaginável em cima de uma ansiedade que se dá dentro de uma guerra psíquica em decidir qual vertente ser liberada, a intrínseca ou a externa.

Kierkegaard (2013) deixa muito claro essa visão muitas vezes esquecida quando o indivíduo se depara com o conceito de pecado imposto pela igreja. A angústia gerada através do princípio de pecado, podendo ser também compreendida como uma angústia resultante de uma decisão a favor do impulso interno, julgando-a dolorosamente como escolha errada. E essa é a questão julgada por ele ser essencial no entendimento do sofrimento psíquico do indivíduo até antes mesmo de sua possível decisão que aos olhos da igreja seria

pecaminosa, decisão esta tendenciado a realização dos desejos do indivíduo, essa pavorosa guerra causa um terror pior do que qualquer já catalogada experiência de tortura.

O leitor agora deve estar pensando que pode ser válida as regras normativas da igreja sobre o pecado proposto ao indivíduo que quer realizar um desejo ou vontade de pecar, ou de matar por exemplo. Não é considerável ético tal condicionamento, seria apenas uma ética de conveniência, pessoas não matam porque sabem que podem ser presas, como colocado pelos filósofos brasileiros Barros Filho e Cortella no livro *Ética e vergonha na cara!* (2014).

Ética esta idêntica à ética que te faz não xingar no trânsito um homem mais alto e mais forte do que você armado com um taco de beisebol, ou, simplesmente, deixar de subtrair algo do patrimônio de outrem pela existência de câmeras de monitoramento. Kant (1724-1804) fala em seu livro *Crítica da razão Prática* que se um indivíduo decide realizar uma ação moral considerada boa por que tem medo do castigo na opção contrária, não é uma ação válida, verdadeira (KANT, 1959).

De acordo com os ensinamentos da Igreja, você não deve alimentar o desejo de acabar um casamento por insatisfação particular, por exemplo. Mesmo que esta insatisfação matrimonial seja um resultado de recorrentes xingamentos, maus tratos, insultos e agressões tanto físicas como psicológicas.

A sexualidade por exemplo, é de tamanha falta de sensibilidade por parte da igreja demonizar algo tão natural, atribuindo sentido único e vazio a prática sexual e com isso massacrando os que não corroboram com seu pensamento e regras normativas que se sentem amargamente culpados por seguirem seus desejos carnis. Os mais prejudicados com essa angústia são os que abdicaram de sua capacidade intelectual para decidir racionalmente seus valores, e passam a aceitar valores externos, sem análise dos mesmos. Não se dão conta que esse sofrimento é o ônus da sua escolha nihilista (KARNAL, 2014).

A igreja claramente possui parcela significativa na estruturação do significado do mal que existe hoje, como também da percepção de seu efeito, e ela sim deve ser também culpada por que sua invenção foi para trazer além de respostas e acolhimento espiritual para os que precisam, proporcionar um bem-estar neles, e colocado em balança geral ela não o fez, ela se iguala a qualquer outro tipo de doutrina ou dogma. A estética do mal apresentada do ponto

de vista eclesiástico causa um total desconforto no indivíduo ao entender que o mal existente fora dele e só se tornará intrínseco a ele por conta de uma fraqueza do próprio indivíduo, baseando-se na subjetividade de indivíduos que não compartilham da mesma realidade. Além de ser punível, toda à culpa e a pseudo-responsabilidade dos atos cometidos, ou não, é exclusiva do ser.

O resultado da soma de conceito e poder, é levado a lugares dessemelhantes de sua origem, toda essa interpretação de terceiros, transforma o natural em pecado. Brown (1908-2002) em *Enterrem meu coração na curva do rio* (2003) deixou bem catalogado que o governo dos EUA junto com todo o Eurocentrismo<sup>3</sup>, em primeiro instante impôs suas verdades aos índios da tribo Sioux de forma arrasadora, dando significados subjetivos ao que até então era de uma fluidez natural, obrigando-os a resinificarem os valores contidos em sua cultura baseando em valores cristãos, e até conseguindo em alguns casos.

A subjetividade de um único indivíduo, ou de uma minoria poderosa, que obtém o poder cedido voluntariamente ou não pelas massas já provou que não resulta em ambientes saudáveis. A Idade Média (Séc. V- Séc. XV) e suas trevas, a primeira Guerra Mundial (1914-1918), Alemanha de 1933 a 1945, Mao Tsé-Tung (1893-1976) e seu comunismo, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1922-1991), o período incalculável da escravidão com os negros, o Apartheid (1948-1994), Oriente Médio e suas verdades imutáveis, segregação na utilidade das mulheres, opressão as sexualidades que saem das margens do esperado, ideais religiosos e outros incontáveis acontecimentos que nos deixam um legado horrivelmente contundente que alimenta esse pensamento sobre o mal e como ele é difundido na sociedade. Ideais sem ter uma respectiva concorrência, não fornece qualidade alta para qualquer sociedade que deseja viver em sociedade.

O poder individual de analisar e decidir é mais forte e saudável do que o poder vasto nas mãos de apenas um. A putrefação de uma sociedade passiva de apenas um líder é eminente. A única verdade que deve ser mantida, é a perspectiva que enxerga à pluralidade de ideias.

## 6 Considerações finais

O efeito contemplativo do mal é mais estético do que metafísico. Quando o ser enxerga o mal que acontece com o outro, ele fica feliz porque desta vez foi com o outro, e não consigo. A máxima do Schopenhauer (2013) é mais real nos dias de hoje do que nunca, o indivíduo reduz a velocidade para contemplar o acidente de trânsito para confirmar que foi com o outro, e que ele não faz parte da estatística do dia, há uma satisfação por não ter acontecido consigo. Existe uma desvalorização empática do senso comum com o que significa à existência do mal no mundo, se não chegar no sujeito, não é necessário se preocupar. Essa míngua de um sentimentalismo necessário para civilização é de total satisfação dos líderes tirânicos, esse é o resultado que eles desejaram desde sempre.

Conjunturas religiosas têm fundamentado a maldade entre os homens, segregando e agindo como se a prática possuísse mais valor do que suas teorias ideais propostas por seus respectivos protagonistas, tornando o que é real, isto é, as atitudes egocêntricas dos que pregam a empatia e o amor, o que se faz completamente contrário as suas propostas cativantes de benevolências romantizadas das religiões.

Seus exercícios devem ser criticados porque a religião tem como propósito acolher, e por isso não podem se igualar a ideais políticos e filosóficos originado de simples homens por exemplo, muito menos transferir a culpa para o homem e seu possível equívoco de interpretação. Afinal, a religiosidade é alimentada pela subjetividade, grosso modo, e com isso ela leva o indivíduo a não querer caminhar sozinho ao encontrar semelhança.

Quanto mais o indivíduo tenta miraculosamente encontrar um plano utópico para colocar em prática seus ideais de convivência, ele se afasta do mundo real. Não enxerga o homem que é mais fácil fazer o fácil, é simples demais não corroborar com atitudes que alimentam este ser não existente chamado de mal, não sendo escravo do próprio poder, transformando-se alimento do próprio servilismo. Viver em migalhas em um mundo cada vez mais sedento pelo aperfeiçoamento de um monstro maligno e poderoso que amedronta e procura os desavisados quando tentam sair da caverna platônica.

O conhecimento agrega na educação necessária para a mudança estrutural desse vínculo normativo de condicionar o pensamento do ser humano sobre questões essenciais como o

3 Ideia que coloca a cultura e os interesses da Europa como sendo a mais importante e avançada forma correta de viver.



incentivo à ética como conceito e não somente como exercícios práticos. É nitidamente evidente as amostras de fraqueza do homem quando se apoia em “Muletas Metafísicas” que vão de simples bebidas para aguentar a semana de trabalho duro, jogatinas, a crenças em deuses, tudo aquilo que maquia uma realidade dolorosa servindo de uma justificativa utópica, como coloca Nietzsche (2006), viver criando representações simbólicas a fim de preencher o vazio afundado pelo Édipo Freudiano e nisso achar que a opinião do outro é mais importante que a sua, ou como propõe Darwin (2014) que juntos com mais inúmeros mostram a total falta de sentido na vida e por saber exatamente disso o criamos, e não só criamos o sentido da vida em si mais o sentido em todas as outras lacunas de uma vida real amarga e socialmente construída. O importante é não lutar contra isso, principalmente sendo de forma ilusória.

A essência válida estar na consciência do ser humano quanto a isso; com os acontecimentos que pode resultar dele, causas e efeitos, significados e significantes, da empatia, e de como ele deve manter na consciência que está se tratando das tais muletas metafísicas para sobreviver, não se deixando levar por ilusões que o tornam um ser angustiado por lidar com um mal que não se afasta dele.

Uma carga genética que promove a sobrevivência não deveria ser classificada como mal por ser algo que faz parte da naturalidade das coisas. Estruturas psíquicas que dão mais vazão a realizações do Eu em primeiro lugar é algo mais palpável do que crenças sobrenaturais. Internalizar para si conceitos que escravizam e angustiam o próprio indivíduo por falta de tenacidade de certos indivíduos com repertórios limitados é uma demonstração de deslealdade

intelectual do que conseguem enxergar isso e permanecer taciturno. Entender e perceber as várias perspectivas que estão à disposição do entendimento se faz constituinte de uma sociedade civilizada.

O olhar para o que é maldoso, um terceiro expectador contemplando o que ele mesmo considera um ato mal porque não gostaria que acontecesse com ele que cria uma existência de algo além do poder do humano. O ser humano possui uma capacidade imensa de produzir coisas boas e coisas más, não há nada fora da capacidade do homem, e em algum momento da evolução do pensamento da ética e da civilização foi percebido categorizando o mal como algo externo poder-se-ia algo vantajoso para aquele que inventou e classificou o mal quase como uma entidade. Foi visando segregar o bom do ruim, o natural do sobrenatural, o belo do feio, o que é possível e o impossível, e tudo aquilo que quebra as normas de convivência que o homem evoluiu seu poder de separar e classificar.

Portanto, determinar e separar os conceitos pode ser algo que continuaria o processo de evolução intelectual e ético que enxerga, entre outras coisas, o mal. Colocar o mal como algo inerente do homem moderno, como alguma coisa que vem de suas faculdades é admitir a realidade das causas, e não procurar um nome que exteriorize em uma justificativa romântica que pretenda retirar do homem a responsabilidade dos seus comportamentos.

O poder que o conhecimento alimenta é enorme e tão poderoso que é capaz de levar o homem fazer coisas miraculosamente impactantes, inclusive fazer o indivíduo abster-se da única coisa verdadeiramente inata; à liberdade.

---

### Referências

- ANDRADE, Maria Mariá de; SILVA NETO, João José da; DIAS, Fernanda Moura Vargas. Modelo para elaboração e formatação de artigos científicos do Centro Universitário São Camilo. Espírito Santo: Centro Universitário São Camilo, 2012.
- BRUNIERI, Celina M.; FAGUNDES, Ana Carolina. Guia básico para elaboração de referências bibliográficas: Segundo a ABNT. Departamento de Comunicação Institucional – Unifesp, p. 13, ago. 2014. Disponível em: <[http://dgi.unifesp.br/sites/comunicacao/pdf/entreteses/guia\\_biblio.pdf](http://dgi.unifesp.br/sites/comunicacao/pdf/entreteses/guia_biblio.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2017.
- BROWN, Dee Alexander. Enterrem meu coração na curva do rio. Tradução: Geraldo Galvão e Lola Xavier. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- CORTELLA, Mario Sergio; FILHO, Clóvis de Barros. Ética e vergonha na cara! São Paulo: Papirus 7 Mares, 2014. (Coleção Papirus Debates)

- DARWIN, Charles. A origem das espécies. Tradução: Carlos Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- DAWKINS, Richard. O gene egoísta. Tradução: Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FERREIRA, Isabel A. Cultura e civilização. Arco de Almedina. Disponível em: <<http://arcodealmedina.blogs.sapo.pt/22410.html>>. Acesso em: 25 mai. 2017.
- FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo. Tradução: José da Silva Brandão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. cap. 2, p. 44-60.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização: Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas v. 18)
- \_\_\_\_\_. Eu e o id. "Autobiografia" e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas v. 16)
- \_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão: Inibição, sintoma e angústia e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas v. 17)
- GOLDING, William. Senhor das moscas. Tradução: Sergio Flaksman. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.
- GOLDHAGEN, Daniel J. Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto. Tradução: Luís Sérgio Roizman. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HOMERO. Ilíada. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- IENH. Manual de normas de ABNT. Disponível em: <[www.ienh.com.br](http://www.ienh.com.br)>. Acesso em: 25 mai. 2017.
- JÚNIOR, Marcos. Ku Klux Klan: Resumo histórico desta seita. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/ku-klux-klan-resumo-historico-desta-seita/>>. Acesso em: 23 mai. 2017.
- KANT, Immanuel. Crítica da razão prática. Tradução: Afonso Bertagnoli. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora, 2004.
- KARNAL, Leandro. Pecar e perdoar: Deus e o homem na história. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- KIERKEGAARD, Søren. O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Tradução: Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Bragança Paulista, São Paulo: Editora Universitária de São Francisco, 2013. (Coleção Pensamento Humano)
- LIMA, L. L. da G. O tribunal do santo ofício da inquisição: O Suspeito é o culpado. Revista de Sociologia e Política, Nº 13: 17-21 nov. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n13/a02n13.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2017.
- MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe. Tradução: Leda Beck. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. O niilismo europeu. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 249-255, jul. dez. 2013.
- RUSSELL, Bertrand. Por que eu não sou cristão: e outros ensaios a respeito de religião e assuntos afins. Tradução: Ana Ban. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
- SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SILVA, Maria Carolina Scudeler. O tribunal do santo ofício e a busca pela uniformidade da fé. In: Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais, Salvador, ago. 2011. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/simposioinquisicao/wp-content/uploads/2012/01/Maria-Carolina-Scudeler.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2017.
- SCHOPENHAUER, Arthur. As dores do mundo. Coleção Universidade, 2013. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017.
- ZIMBARDO, Philip. O efeito Lúcifer: como pessoas boas tornam-se más. Tradução: Thiago Novais Lima. Rio de Janeiro: Recorde, 2012.